

# Autobiografia antes da queda?

## A impossível nudez diante de um animal poético, ou Benjamin assombra Derrida<sup>1</sup>

Nabil Araújo (CNPq-Pós-Lit/UFMG)

### Resumo

Este texto aborda o malogro da tentativa derridiana de uma autobiografia-antes-da-queda em “L’animal que donc je suis (à suivre)”, de modo a iluminar, de uma só vez, a impossibilidade de uma nudez originária, “adâmica”, em face dos objetos do discurso, e a necessidade daquele “estilo desconstrutivo” que Derrida quis, então, dispensar.

Palavras-chave: Animalidade; Poeticidade; Autobiografia; Desconstrução.

### Résumé

Ce texte aborde l’échec de la tentative derridienne d’une autobiographie-avant-la-chute dans “L’animal que donc je suis (à suivre)”, de façon à illuminer, d’un coup, l’impossibilité d’une nudité originaire, “adamique”, face aux objets du discours, et la nécessité de ce “style déconstructif” que Derrida a alors voulu dispenser.

Mots-clés: Animalité; Poeticité; Autobiographie; Déconstruction.

1. Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no “Colóquio Internacional Animais, Animalidade e os Limites do Humano”, ocorrido de 4 a 6 de maio de 2011 na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

2. MALLET, Marie-Louise. Avant-propos, 1999, p. 9.
3. DERRIDA, Jacques. L'animal que donc je suis (à suivre), 1999. Citarei doravante a edição brasileira do texto: DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*, 2002.
4. Ibidem, p. 45.

Em julho de 1997 teve lugar no célebre Centro cultural internacional de Cerisy-la-Salle um colóquio “em torno do trabalho de Jacques Derrida” sob o título *L'Animal autobiographique* [O animal autobiográfico]. No prefácio à recolha dos textos das conferências proferidas na ocasião, publicada dois anos mais tarde pela Galilée, a organizadora do volume, Marie-Louise Mallet, afirma:

O leitor algo familiarizado com a obra de Jacques Derrida não se surpreenderá com esse título, *L'Animal autobiographique*, no qual ouvirá ressoar os motivos cruzados do *auto-biográfico* (ficção e testemunho, literatura e verdade, confissões, memórias, questões da lei do gênero, da referência e do referente, etc.) e aqueles da *vida* (*bios* e *zoé*), da *política da vida* (genealogia e genética, parentesco, família e Estado, etnia e nação..., mas também biotecnologias e bioética, etc.), do *estatuto do vivente* (mas também do morto-vivente, do *sobrevivente*, *espectral* ou *virtual*), e muito particularmente do “*animal*”. *L'Animal autobiographique*, isto é, *a escrita do vivente* [*l'écriture du vivant*] em geral: vasta temática na qual *técnica*, *direito*, *ética*, *política* – e *literatura* – não se deixam dissociar. Toda a obra de Jacques Derrida testemunha a importância, para ele, do conjunto desses motivos [...].<sup>2</sup>

O texto da contribuição do próprio Derrida ao colóquio, reproduzido no volume organizado por Mallet, “L'animal que donc je suis (à suivre)” [O animal que logo sou/sigo (a seguir)], se testemunha, de fato, também ele, e uma vez mais, a importância de tais motivos na obra do autor – importância essa ostensivamente tematizada, aliás, no próprio texto –, o faz, contudo, em declarada ruptura com o “*style déconstructif*” [estilo desconstrutivo] pelo qual aqueles haviam sido abordados até então<sup>3</sup>. Para evocar a célebre e desgastada dicotomia, é como se a continuidade, no texto em questão, dos motivos evocados por Mallet se verificasse no nível do *conteúdo*, mas não no da *forma* do discurso derridiano.

Se esse discurso é mesmo aí forjado, do começo ao fim, numa dicção francamente autobiográfica – enunciação em primeira pessoa, remissão recorrente do autor à própria obra, a momentos diversos da mesma, sobretudo ao tratamento da questão do “vivente animal” na mesma, vindo a esboçar-se, a certa altura, uma “zoo-auto-bio-bibliografia” derridiana –, o fato é que Derrida sonha então com “uma autobiografia mais antiga e intacta de toda confissão, um relato de si virgem de toda confissão”, “de toda linguagem redentora, no horizonte da salvação como resgate”, “uma autobiografia e memórias anteriores ao cristianismo, sobretudo, anteriores às instituições cristãs da confissão”,<sup>4</sup> e projeta a si próprio na figura bíblica de Adão, antes do pecado original, nomeando pela primeira vez os animais que Deus pusera sobre a face da Terra.

Num dos mais célebres textos de Mikhail Bakhtin, redigido no início dos anos 50, há um trecho no qual o teórico russo pareceria oferecer uma resposta *avant la lettre* ao sonho de Derrida:

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez.<sup>5</sup>

Poder-se-ia querer decretar a impossibilidade discursiva da autobiografia-antes-da-queda de que fala Derrida, apoiando-se, para tanto, no referido trecho de Bakhtin, não fosse, é certo, a sentenciosidade tão pouco *dialógica* de que o mesmo se reveste, sobretudo quando reproduzido assim, a exemplo do que frequentemente é feito, como se derivasse, auto-contraditoriamente, de uma fonte enunciativa primeva, virginal, dir-se-ia “adâmica”, cuja própria *monologicidade* devesse ser tomada como índice de sua veracidade ou validade. Não pareceria preferível, antes, buscar-se apreender de que modo a verdade da impossibilidade da autobiografia-antes-da-queda viria a ter lugar *no próprio discurso derridiano*, de que modo esse vir-a-ter-lugar discursivo da verdade em Derrida, confundindo-se ele próprio com a *performance* de um malogro enunciativo, acarretaria uma compreensão *em ato* do estado de coisas apenas pretensamente *constatado* por Bakhtin no trecho citado?

\*\*\*

Jacques Derrida completamente sem roupa diante de um animal, sua gata, que o observa atentamente. Eis a cena central de “L’animal que donc je suis (à suivre)”, a própria cena a propósito da qual pareceria desenvolver-se toda a reflexão então levada a cabo por Derrida sobre a questão do “vivent animal”. Ela acaba por revelar-se, contudo, como o pretexto, ou o pré-texto, para uma outra cena: uma cena de escrita que é também, e indissociavelmente, uma cena de autodesnudamento: a cena da própria escrita derridiana.

Tudo se passa, a princípio, como se se tratasse de enunciar uma hipótese, ou, mesmo, uma “ficção”, para ficar com o termo empregado pelo próprio Derrida: “Enquanto nu sob os olhos do que chamam o animal, uma ficção se configura em minha imaginação, uma espécie de classificação à maneira

5. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso, 2003, p. 299-300.

6. DERRIDA, Jacques, op. cit., p. 32.
7. Ibidem, p. 32.
8. Ibidem, p. 32.
9. Ibidem, p. 32.

de Lineu, uma taxonomia *do ponto de vista dos animais*<sup>6</sup>. Derrida nos falará, então, de “dois tipos de discurso, duas situações de saber sobre o animal, duas grandes formas de tratado teórico ou filosófico do animal”<sup>7</sup>. Mas essas modalidades discursivas não nos são de fato apresentadas ao modo de espécies catalogáveis de maneira neutra e impessoal, como o termo taxonomia pode levar a crer; é mesmo uma *hierarquia* que aí então se desenha, e desde a própria definição de cada uma das modalidades comparadas, uma hierarquia em que o primeiro tipo de discurso sobre o animal encontra-se claramente desqualificado frente ao segundo, em vista justamente da medida em que cada um deles refletiria ou não em si o olhar lançado pelo animal de que se quer dar conta teoricamente. Assim:

Haveria, em primeiro lugar, os textos assinados por pessoas que sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se *viram vistas* pelo animal; jamais cruzaram o olhar de um animal pousado sobre elas (para não dizer sobre sua nudez); mas mesmo que se tenham visto vistas, um dia, furtivamente, pelo animal, elas absolutamente não o levaram em consideração (temática, teórica, filosófica); não puderam ou quiseram tirar nenhuma consequência sistemática do fato de que um animal pudesse, encarando-as, olhá-las, vestidas ou nuas, e, em uma palavra, sem palavras *dirigir-se a elas*; absolutamente não tomaram em consideração o fato de que o que chamam “animal” pudesse *olhá-las e dirigir-se a elas* lá de baixo, com base em uma origem completamente outra.<sup>8</sup>

É algo, pois, como uma dívida para com o animal que tais autores pareceriam contrair justamente, ou sobretudo, quando se dispõem a tratar do animal, filosófica ou teoricamente, em sua escrita. “Essa categoria de discursos, de textos, de signatários (os que jamais se viram vistos por um animal que se dirigia a eles) é de longe a mais abundante”, sentencia, a propósito, Derrida; e ainda: “é ela sem dúvida que reúne *todos os filósofos e todos os teóricos enquanto tais*”<sup>9</sup>.

Ora, nesse ponto, antes mesmo que se procure definir a segunda modalidade discursiva em questão, Derrida parece definitivamente enredado numa aporia: (a) se se trata mesmo, como ele diz, de “duas grandes formas de tratado teórico ou filosófico do animal”, (b) mas se, por outro lado, como ele também diz, “*todos os filósofos e todos os teóricos enquanto tais*” reúnem-se na primeira categoria de discurso sobre o animal, (c) então que tipo de discurso, afinal, poderia ser aquele pertencente à segunda categoria, que também se quer filosófico ou teórico, mas sem recair no que há de reprovável em *toda* filosofia, em *toda* teoria?

Quanto a essa segunda categoria discursiva, Derrida a

identifica “do lado dos signatários que são antes de mais nada poetas ou profetas, em situação de poesia ou de profecia”<sup>10</sup>. Páginas atrás, remetendo a um texto seu intitulado “Che cos’è la poesia?” (1988), ele havia mesmo estabelecido a “diferença entre um saber filosófico e um pensamento poético”, afirmando que “o pensamento animal, se pensamento houver, cabe à poesia”<sup>11</sup>.

Logo depois desta afirmação, ao comentar o trecho de *Alice no país das maravilhas* em que a protagonista conclui que os gatos são incapazes de responder verdadeiramente às interpelações que lhes fazem as pessoas, Derrida, contrapondo-se a esse “discurso bastante cartesiano de Alice”, indaga-se justamente pelo que quer dizer *responder* e levanta a questão da “resposta animal”, afirmando, a esse propósito, que a “letra conta”; e ainda: “A questão da resposta animal passa frequentemente pelo que está em jogo numa letra, pela literalidade de uma palavra, por vezes, do que ‘palavra’ quer dizer literalmente”<sup>12</sup>. O nexos, para Derrida, entre a literalidade em jogo na resposta animal e a singularidade ou individualidade dessa resposta fica patente no esclarecimento do autor de que, quando seu animal responde ao próprio nome, “ele não o faz como um exemplar da espécie ‘gato’, ainda menos de um gênero ou de um reino ‘animal’. [...] ele vem a mim como *este* vivente insubstituível que entra um dia no meu espaço, nesse lugar onde ele pôde me encontrar, me ver, e até me ver nu”<sup>13</sup>.

Observe-se que esse tipo de literalidade particularizante que Derrida aí atribui à resposta animal era por ele divisada, no já referido texto de 1988, exatamente a respeito da poesia (ou da experiência poética)<sup>14</sup>. Lá, entretanto, a literalidade poética, a um só tempo desejada e inalcançável, surge não como signo maior de uma animalidade intangível, mas como aquilo que, justamente por conta de sua própria intangibilidade, requereria, por sua vez, o emprego de um signo que lhe tornasse inteligível, função essa então reservada por Derrida à figura de um animal: um ouriço. Assim:

*Literalmente*: gostarias de reter de cor uma forma absolutamente única, um evento cuja intangível singularidade já não separasse a idealidade, o sentido ideal, como se diz, do corpo da letra. No desejo dessa inseparação absoluta, do não-absoluto absoluto, respiras a origem do poético. Daí a resistência infinita à transferência da letra que o animal, em seu nome, todavia reclama. É a aflição do ouriço.<sup>15</sup>  
O dom do poema não cita nada, não tem nenhum título, não faz mais histrionices, ele sobrevém sem que tu o esperes, cortando o fôlego, cortando com a poesia discursiva e sobretudo literária. Nas próprias cinzas desta genealogia. Não a fênix, não a águia, o ouriço, muito baixo, bem baixo, próximo da terra. Nem sublime, nem incorpóreo, talvez angélico, temporariamente.<sup>16</sup>

10. *Ibidem*, p. 34.

11. *Ibidem*, p. 22.

12. *Ibidem*, p. 24.

13. *Ibidem*, p. 26.

14. “Che cos’è la poesia?” foi mais tarde recolhido em: DERRIDA, Jacques. *Points de suspension: entretiens*. Paris: Galilée, 1992. Citarei doravante a edição portuguesa do texto: DERRIDA, Jacques. *Che cos’è la poesia?*, 2003.

15. *Ibidem*, p. 8.

16. *Ibidem*, p. 9.

17. Ibidem, p. 9-10.

18. Ibidem, p. 10.

19. DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*, 2002, p. 26.

20. Ibidem, p. 34.

A partir de agora, chamarás poema a uma certa paixão da marca singular, a assinatura que repete a sua dispersão, de cada vez além do *logos*, *ahumana*, escassamente doméstica, nem reapropriável na família do sujeito: um animal convertido, enrolado em bola, voltado para o outro e para si, uma coisa em suma, e modesta, discreta, próxima da terra, a humildade que *sobrenomeias*, assim te transportando para o nome além do nome, um ouriço catacrético, todas as flechas eriçadas, quando este cego sem idade ouve mas não vê chegar a morte.<sup>17</sup>

Em ambos os casos, a própria operação que visaria fornecer, em vista de um certo referente intangível, um signo que o tornasse inteligível, não faz mais do que amplificar aquela intangibilidade, atuando mesmo no sentido de diferir qualquer definição ou conceitualização estável e inequívoca da “animabilidade” e da “poeticidade”. Assim, Derrida pode falar do gato como se se tratasse de um poema, sem que isso equivalha a querer conceituá-lo como tal; ou do poema como se se tratasse de um ouriço, sem que isso equivalha a querer defini-lo como tal. Mais do que isso, o reconhecimento da singularidade de que se veriam imbuídos tanto o animal-poema de “L’animal que donc je suis (à suivre)”, quanto o poema-animal de “Che cos’è la poesia?” parece mesmo excluir a própria possibilidade de se definir ou conceituar seja a poesia, seja o animal. A pergunta “O que é...?”, sentenciara, com efeito, Derrida, “chora a desapareição do poema”; e ainda: “Ao anunciar o que é tal como é, uma pergunta saúda o nascimento da prosa”<sup>18</sup>. E ainda, refletindo sobre a literalidade de seu gato-poema: “Nada poderá tirar de mim, nunca, a certeza de que se trata de uma existência rebelde a todo conceito”<sup>19</sup>.

Mas como elaborar, afinal, um discurso filosófico ou teórico a propósito de um objeto de reflexão declaradamente refratário à conceitualização, operação essa inerente, aliás, a *toda* filosofia e a *toda* teoria? Derrida nos fala, como vimos, em relação à segunda categoria discursiva por ele entrevista, de signatários “em situação de poesia ou de profecia”. Quanto aos mesmos, diz Derrida: “eu não lhes conheço um *representante estatutário*, ou seja, um sujeito enquanto homem teórico, filosófico, jurídico, em verdade, enquanto cidadão”; e arremata: “Não encontrei, mas é bem aí que me encontro, eu, aqui agora, procurando”<sup>20</sup>. Não se trataria, pois, de um ponto de partida enunciativo, nem mesmo, bem entendido, de um ponto de chegada determinado, mas de um *vir-a-ser*, de um processo em direção a alguma coisa, de uma busca, de uma procura. E essa procura se instituirá, com Derrida, sob a forma de um autodesnudamento do sujeito da escrita.

Rebelde a todo conceito, é de se pensar que a existência do animal-poema seria antes encoberta do que revelada

pelo discurso essencialmente conceitual (e prosaico) de toda filosofia e de toda teoria. Seria preciso, pois, a fim de tentar se aproximar dessa existência em sua literalidade intangível, despir-se, tanto quanto possível, de todo e qualquer conceito, de toda e qualquer filosofia ou teoria do animal e da animalidade, desnudar-se, enfim, o mais completamente diante desse ser, que em sua singularidade mesma, não deixa de devolver o olhar em direção a essa nudez que a ele se apresenta. O motivo da nudez e do desnudamento comandará, portanto, todo o discurso de Derrida em “L’animal que donc je suis (à suivre)”, e desde o começo, desde as primeiras palavras, quando Derrida diz: “Para começar – gostaria de me confiar as palavras que sejam, se possível fosse, nuas. [...] Gostaria de eleger palavras que sejam, para começar, nuas, simplesmente, palavras do coração”<sup>21</sup>. Além do motivo do coração, mesclar-se-á com o da nudez e do desnudamento, o motivo da passividade: “Só há nudez nessa passividade, nessa exposição involuntária de si. A nudez só se despoja nessa exposição de frente, cara a cara”; a essa “passividade desnudada”, Derrida propõe chamar “a *paixão do animal, minha paixão pelo animal, minha paixão pelo outro animal*”<sup>22</sup>.

Também em “Che cos’è la poesia?”, Derrida começa, dir-se-ia, pelo desejo da nudez, ou melhor, pela imposição de um certo autodesnudamento em vista do próprio objeto sobre o qual ele então se propõe a falar: para responder à pergunta título, pondera logo de início Derrida, será preciso, com efeito, “renunciar ao saber”<sup>23</sup>. Também aí o motivo do coração e o de uma certa passividade mesclam-se ao da renúncia ou esquecimento deliberado do saber, isto é, do autodesnudamento: “Assim desperta em ti o sonho de *aprender de cor*. De deixares que o coração te seja atravessado pelo ditado. De uma só vez, e isso é o impossível, isso é a experiência poemática”<sup>24</sup>. E ainda:

Para responder em duas palavras, *elipse*, por exemplo, ou *eleição, coração* ou *ouriço*, terás tido de desamparar a memória, desarmar a cultura, saber esquecer o saber, incendiar a biblioteca das poéticas. A unicidade do poema depende dessa condição. Precisas celebrar, tens de comemorar a amnésia, a selvageria, até mesmo a burrice do “de cor”: o ouriço.<sup>25</sup>

Em “L’animal que donc je suis (à suivre)”, ao colocar, a propósito da questão do animal, certas “posições”, certas “hipóteses com vistas a teses”, Derrida afirma que se trataria de uma “operação de desarmamento que consiste em *se colocar* de maneira simples, nua, frontal, tão diretamente quanto possível”<sup>26</sup>. Ora, esse desarmamento/desnudamento não se daria apenas em relação à natureza e aos procedimentos do tradicional discurso filosófico sobre o animal dos quais Derrida

21. Ibidem, p. 11.

22. Ibidem, p. 29-30.

23. DERRIDA, Jacques. *Che cos’è la poesia?*, 2003, p. 5.

24. Ibidem, p. 8.

25. Ibidem, p. 9.

26. DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*, 2002, p. 48.

27. Ibidem, p. 65.

28. DERRIDA, Jacques. *Poétique et politique du témoignage*, 2000, p. 57.

29. DERRIDA, Jacques. *Che cos'è la poesia?*, 2003, p. 9.

30. DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*, 2002, p. 29.

reiteradamente se afasta, mas também em relação ao próprio discurso da desconstrução, ou, como admitirá o próprio autor:

Como eu queria hoje ir além e esboçar outros passos avançando, quer dizer, aventurando-me sem demasiada retrospectação e sem muitos cuidados, não voltarei aos argumentos de tipo teórico ou filosófico, e de estilo, digamos, desconstrutivo, que há muito tempo, desde que em verdade escrevo, acreditei consagrar à questão do vivente e do vivente animal.<sup>27</sup>

É esse despojamento, esse autodesnudamento que permitiria, pois, a Derrida, o acesso único a uma certa integralidade animal, por assim dizer, em toda sua singular literalidade, aquém de todo conceito, de toda filosofia, de toda teoria. O mesmo em “Che cos'è la poesia?” em relação ao poema-animal de que lá se trata, mas também em outros lugares, onde quer que Derrida se ponha a ler “desarmadamente” poemas, como aquele de Paul Celan a que se dedica exaustivamente em *Poétique et politique du témoignage* [Poética e política do testemunho], e sobre o qual, a certa altura, diz:

Isso que nós chamamos aqui a força, a energia, a virtude do poema [...] é o que faz que, por uma irresistível compulsão, deva-se citá-lo, mais e mais. Pois ao citá-lo e recitá-lo, tende-se a aprendê-lo de cor, lá onde se sabe que não se sabe o que ele quer dizer por fim [...]. Pode-se “ler”, pode-se desejar ler, citar e recitar esse poema renunciando-se completamente a interpretá-lo, ou, ao menos, a passar o limite além do qual a interpretação encontra ao mesmo tempo sua possibilidade e sua impossibilidade. Há uma compulsão em citar e em recitar, em repetir isso que se compreende sem se o compreender completamente [...].<sup>28</sup>

O desejo do “de cor”, por mais passivo e desarmado que possa parecer, não poderá, contudo, abrir mão de uma certa vigilância. “Sobretudo” – alerta, com efeito, Derrida, em “Che cos'è la poesia?” –, “não deixes reconduzir o ouriço ao circo ou ao carrossel da *poiesis*: nada a fazer (*poiein*), nem ‘poesia pura’, nem retórica pura, nem *reine Sprache*, nem ‘concretização-da-verdade’. Apenas uma contaminação, tal e tal cruzamento, este acidente”<sup>29</sup>.

Derrida desnudo diante do poema-animal, o poema-ouriço de “Che cos'è la poesia?”. Derrida desnudo diante do animal-poema, o gato literal de “L’animal que donc je suis (à suivre)”. Em relação a esta última cena, Derrida nos promete fazer tudo “para evitar apresentá-la como uma cena primitiva”,<sup>30</sup> algo que tende a soar, contudo, como uma denegação, ou, mesmo, como uma provocação, sobretudo quando, um

pouco mais à frente, Derrida ousa evocar, a título de analogia com a referida cena, nada menos do que uma cena bíblica de denominação retirada do Gênesis: aquela mesma na qual o primeiro homem, Adão, é instado por Deus a nomear os animais por ele criados, e que assim age, como enfatiza Derrida, “apenas para ver”: “finitude de um Deus que não sabe o que ele quer em relação ao animal, isto é, quanto à vida do vivente enquanto tal, de um Deus que paga para ver sem ver o que está para vir, de um Deus que dirá *eu sou quem sou* sem saber o que vai ver quando um poeta entra em cena dando nome aos viventes”<sup>31</sup>. Quanto a esse “para ver” de Deus, Derrida confia que ele sempre lhe deu vertigem, e então arremata:

Pergunto-me frequentemente se essa vertigem quanto ao abismo de um tal “para ver” no fundo dos olhos de Deus, não é o que me toma quando me sinto tão nu diante de um gato, de frente, e quando cruzando então seu olhar, escuto o gato ou Deus se perguntar, *me* perguntar: ele vai chamar? Vai dirigir-se a mim? [...] Há muito tempo, é como se o gato se lembrasse, como se ele me lembrasse, sem dizer uma só palavra, o relato terrível da Gênese.<sup>32</sup>

Não estranha, assim, que o tradutor brasileiro de “L’animal que donc je suis (à suivre)”, Fábio Landa, venha a dizer, no texto de apresentação de sua tradução, que “este trabalho parece ter a vocação de um texto fundador”<sup>33</sup>. Essa vocação se veria frustrada ou, no mínimo, problematizada, quando se constata que, ao contrário do que poderia parecer, ou do que Derrida gostaria de acreditar, ele, Derrida, não se encontra verdadeiramente sozinho quando nu, diante do gato, e esboça o gesto pretensamente adâmico de denominação poética. Há, com efeito, um fantasma nessa cena, um fantasma que permanecerá assombrando Derrida, lembrando-lhe ser a nudez, a verdadeira nudez diante de um animal poético, algo impossível.

Estabelecida a impactante analogia entre cena central de “L’animal que donc je suis (à suivre)” e a cena bíblica da denominação dos animais por Adão, Derrida julga necessário explicitar uma certa “reserva” em relação a isso:

as questões que me coloco, os sentimentos que confesso despojado diante de um pequeno vivente mudo, e o desejo assim confessado de escapar à alternativa da projeção apropriante e da interrupção cortante, tudo isto deixa adivinhar que este olhar pousado por um gato, sem uma só palavra, sobre minha nudez, não estou disposto a interpretá-lo ou a senti-lo *em negativo*, se assim posso dizer, como sugere, por exemplo, Benjamin, em uma certa tradição. Essa tradição presta de fato à natureza e à animalidade assim nomeadas por Adão uma espécie de profunda tristeza (*Traurigkeit*). Esse luto melancólico re-

31. *Ibidem*, p. 39.

32. *Ibidem*, p. 39.

33. LANDA, Fábio. Apresentação, 2002, p. 8.

34. DERRIDA, Jacques.  
*O animal que logo sou*  
(*A seguir*), 2002, p. 40-41.

35. Ibidem, p. 43.

36. Ibidem, p. 43.

37. Ibidem, p. 44.

38. Ibidem, p. 15.

39. Ibidem, p. 15-16.

fletiria uma impossível resignação; protestaria em silêncio contra a fatalidade inaceitável desse silêncio mesmo: ter sido destinado ao mutismo (*Stummheit*) e à ausência de linguagem (*Sprachlosigkeit*) [...].<sup>34</sup>

Derrida passará, então, a resumir e a comentar as teses centrais de “Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem humana” (1916), de Benjamin, para afirmar, ao final, taxativo: “não sou Benjamin, quando me encontro nu diante do olhar do animal, não estou disposto a segui-lo nessa bela meditação”<sup>35</sup>. E isso, explica Derrida, “porque uma tal meditação dispõe toda essa cena de afasia enlutada em um tempo de redenção, quer dizer, após a queda e após o pecado original. Isto se passaria assim *a partir do tempo* da queda”<sup>36</sup>; e ainda: “Ora, quis referir-me à nudez diante do gato, há muito tempo, desde um tempo anterior, no relato da Gênese, desde o tempo em que Adão, aliás Isch, proclama seus nomes aos animais *antes* da queda, nu mas antes de ter vergonha de sua nudez”<sup>37</sup>. Ora, digo por minha vez, é justamente essa vergonha da nudez, mas também uma certa vergonha da vergonha, aquilo de que Derrida não conseguirá, enfim, desvencilhar-se diante de seu gato, como se permanentemente assombrado por um fantasma.

Logo no início de “L’animal que donc je suis (à suivre)”, ao apresentar ao leitor a cena central do texto, Derrida admite que, ao ser “surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo”<sup>38</sup>. Que dificuldade, que incômodo, afinal?

Tenho dificuldade de reprimir um movimento de pudor. Dificuldade de calar em mim um protesto contra a indecência. Contra o mal-estar que pode haver em encontrar-me nu, o sexo exposto, nu diante de um gato que observa sem se mexer, apenas para ver. [...] É como se eu tivesse vergonha, então, nu diante do gato, mas também vergonha de ter vergonha. Reflexão da vergonha, espelho de uma vergonha envergonhada dela mesma, de uma vergonha ao mesmo tempo especular, injustificável e inconfessável. [...] Vergonha de que, e nu diante de quem? Por que se deixar invadir de vergonha? E por que esta vergonha que enrubesce de ter vergonha?<sup>39</sup>

Derrida desejaria estar nu, o mais completamente nu diante do animal que o vê, mas sente vergonha, e vergonha da vergonha, posto que a presença da primeira evidenciaria, justamente, o fato de que Derrida não está nu, nunca esteve e nunca poderá estar verdadeiramente nu, diante de um animal - e isso porque é próprio do homem não estar nu, mesmo quando nu. “O homem seria o único a inventar-se uma vestimenta para esconder seu sexo”, admite Derrida; e ainda: “O

homem não seria nunca mais nu porque ele tem o sentido da nudez, ou seja, o pudor ou a vergonha”<sup>40</sup>. Já nas linhas finais de seu texto, Derrida arrematará: “Esse penhor, essa aposta, esse desejo ou essa promessa de nudez, pode-se duvidar de sua possibilidade”<sup>41</sup>.

Derrida busca, pois, desnudar-se o mais completamente diante de seu gato-poema, a fim de acessar essa existência rebelde a todo conceito, mas Benjamin, o fantasma de Benjamin sobrevoa essa cena de autodesnudamento, ou insinua-se, talvez, atrás das cortinas, vigiando e assombrando Derrida, lembrando-lhe não haver, para o homem, o antes da queda, que estamos sempre depois da queda, e que a queda é essencialmente tensão, oposição, conflito com o outro. Mesmo a promessa de uma singularíssima literalidade animal aquém de toda filosofia e toda teoria só pode ser enunciada como contra-proposta a uma proposta outra, contra-leitura, desconstrução.

Derrida gostaria de fato de poder dizer diante de seu gato: sou Adão; mas é obrigado a reconhecer: “não sou Benjamin”, isto é, o que quer que eu tenha a dizer sobre a questão animal, sobre a literalidade intangível de um animal-poema, não sou o primeiro a fazê-lo, trata-se portanto de uma decisão de leitura, de uma decisão interpretativa a partir de um fundo de indecível. O posicionamento de Derrida sobre o animal não é possível a não ser em contraposição ao posicionamento de Benjamin, a voz derridiana destacando-se de um fundo benjaminiano e permanecendo assombrada por esse fundo, pela possibilidade sempre latente de que seja Benjamin, afinal, quem de fato tenha razão acerca da problemática da animalidade.

Isso tudo pareceria destituir “L’animal que donc je suis (à suivre)” de seu caráter pretensamente fundador, a menos, é claro, que se admita não haver fundação que não se confunda, ela própria, com um movimento de oposição a um discurso outro, um discurso que, a rigor, poder-se-ia recalca-lo mas nunca verdadeiramente eliminá-lo, o que equivale a dizer: toda fundação é assombrada por aquilo que ela recalca enquanto tal, e seu alicerce é um solo de indecidibilidade. Toda fundação é uma decisão a partir do indecível.

Isso se torna evidente também em relação ao ouriço de “Che cos’è la poesia?”. Numa densa entrevista concedida a Maurizio Ferraris dois anos depois do aparecimento daquele texto, Derrida é levado a reconhecer a existência de ouriços outros, por assim dizer, sobretudo entre autores de língua alemã caros ao próprio Derrida, mais especificamente F. Schlegel, Nietzsche e Heidegger. Em face desses ouriços outros, todos anteriores ao seu, de fato e de direito, Derrida deve admitir a não-primeiridade, por assim dizer, de seu próprio ouriço, o qual não poderia avultar, além do mais, em sua literalidade

40. *Ibidem*, p. 18.

41. *Ibidem*, p. 91-92.

42. DERRIDA, Jacques. Istrice  
2. Ick bünn all hier, 1992, p.  
311.

mesma, por um gesto passivo e bem intencionado de autodesnudamento, mas em necessária e deliberada contraposição aos ouriços que o precederam: em vista desses ouriços alemães, portando um nome alemão (*Igel*), pondera, com efeito, Derrida, “este que me chega é uma espécie de contra-ouriço [*contre-hérisson*] solitário, antes italiano ou francês”<sup>42</sup>.

O desvelamento desse incontornável solo de oposicionalidade e de indecidibilidade que subjaz a toda decisão de leitura deveria nos afastar definitivamente da ilusão de uma nudez originária, “adâmica”, diante do que quer que seja. A consciência aguda desse estado de coisas institui-se não como a vergonha mas como o grande mérito disso a que se chama desconstrução.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 4<sup>o</sup> ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DERRIDA, Jacques. L'animal que donc je suis (à suivre). In: MALLET, Marie-Louise (org.). *L'Animal autobiographique*: autor de Jacques Derrida. Paris: Galilée, 1999.

\_\_\_\_\_. *O animal que logo sou (A seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Che cos'è la poesia?* Trad. Oswaldo Manuel Silvestre. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

\_\_\_\_\_. Istrice 2. Ick bünn all hier. In: *Points de suspension*: entretiens. Paris: Galilée, 1992.

\_\_\_\_\_. *Poétique et politique du témoignage*. Paris: L'Herne, 2005.

LANDA, Fábio. Apresentação. In: DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MALLET, Marie-Louise. Avant-propos. In: *L'Animal autobiographique*: autor de Jacques Derrida. Paris: Galilée, 1999.